



A TRAGÉDIA E A SOFÍSTICA NA PRÁTICA DOCENTE

*Patric de Oliveira Peres,
*Suzy Menegat,
*Danimar Bonai

Eixo Temático: Docência e formação de professores

Resumo expandido:

Palavras chave: Tragédia. Sofística. Educação. Prática pedagógica.

Introdução

Existiu na Grécia Clássica uma preocupação com a educação. Não havia uma educação com foco para todos, no caso modelo, mas, sim educações voltadas para cada camada social. Enquanto as tragédias tinham um papel pedagógico amplo para todos na pólis, os sofistas eram contratados por quem possuísse bastante recurso financeiro. Ambos trouxeram novidades para a prática pedagógica da época e até hoje são relevantes para tal.

As tragédias assumem a dimensão de realidade presente e acontecimento singular. Para além de simples entretenimento, o mundo mítico e a realidade misturavam-se, demonstrando que o espetáculo trágico constituiu-se ele próprio em processo formativo. Todos se comoviam com o drama vivido pelo herói, e aprendiam para não sofrer o mesmo



castigo, ou até mesmo para não causar a desordem na pólis. Esse seria o papel normativo da tragédia.

Objetivos

- Perceber a educação grega como um fenômeno social;
- Analisar o impacto educacional das tragédias;
- Analisar o impacto educacional dos sofistas;
- Relacionar as inovações das duas concepções gregas com as práticas didáticas atuais.

Metodologia

A metodologia consiste em análise bibliográfica.

Referencial Teórico

Contexto grego

No contexto em que nasceu a tragédia grega, esta serviu como um instrumento a favor da formação do cidadão, aquele que vivia e que também administrava a *pólis*. O sistema patriarcal já não era suficiente para manter os cidadãos submissos, e entre os séculos VIII e VII a.C. a sociedade grega caminhava em direção a uma mudança. O sistema político passa a ter códigos legais, criados a fim de conduzir a ordem social e manter as relações econômicas.

Dessa forma temos a transição para o império e uma educação que passa a enfatizar o homem. Esse indivíduo deveria participar ativamente da organização da *pólis*. Construir uma educação ética e moral baseada não somente no status vigente, mas em leis discutidas. Uma vez que a relação entre “Estado-espírito” (governo com herança divina) está posta sob suspeita, e uma nova *aretê* voltada para o cidadão postula-se nas assembleias. Nesse sentido



a aretê é relacionada como “aptidão política, vista, sobretudo, como aptidão intelectual e oratória [...]” (JAEGER, 2001, p. 340)

O cidadão que emerge nesse ambiente já não estava tão dependente da tradição, e para que pudesse se enquadrar a esta nova organização deu-se o advento da filosofia, onde a população desprende-se da crença e busca justificar a origem das coisas.

As tragédias

As encenações trágicas exercem um papel importante, tornam-se o próprio processo formativo, um instrumento a serviço da tentativa de amenizar as contradições sociais. As tragédias eram textos teatrais que apresentavam histórias trágicas da vida humana as quais envolviam personagens nobres e heroicas: heróis, deuses, semideuses. Advinda da poética e da tradição religiosa da Grécia Antiga. Suas raízes são especificamente nos ditirambos, caracterizados como cantos e danças em honra ao deus grego Dionísio.

As tragédias inquerem um ideal de homem, apresentam uma constituição do *ethos* grego e uma nova reflexão sobre a *aretê*, todos os conflitos apresentam categorias de análise a fim de enraizar preceitos de prudência e conduta. A tragédia impõe uma nova *aretê* completa e acessível a toda comunidade. A *aretê* não só como excelência moral, atribui sua conceituação a um conjunto de categorias que poderiam exprimir o ideal a ser seguido a fim de amenizar tais contradições sociais.

Nesse âmbito a tragédia faz do sensível o desenvolvimento das características peculiares à vida humana. Sofrer e se compadecer com o tema da obra é a expressão máxima do sucesso trágico. Não ocorre somente uma reflexão pueril e fantasiosa da vida social nessas representações, porém, se fez alicerces de instituição social, religiosa e política, através da



formação da cidadania das pessoas. Nesse ínterim a consciência fictícia se estrutura na tragédia e constitui sua educação, com vistas a interligar o humano e o divino.

Os Sofistas

O título de sofista era atribuído aqueles que ensinavam música, ginástica, retórica e sofística. Havia muita dificuldade para os atenienses distinguir quem era filósofo ou sofista. No século V a.c. ambos tinham papéis muito semelhantes. “Aquilo que entendemos por ‘ser um filósofo’ é algo que tem relação com ‘praticar a profissão de filósofo’, ou seja, tem um sentido profissionalizante, de pertencimento a uma categoria profissional” (GIOMBINI, 2016, p. 29). Platão fora um que buscou distinguir as duas categorias. Diferente do que se pensa pelo senso comum, construído fundamentalmente pelas críticas de Platão e de Aristóteles, os sofistas não eram apenas quem cobrava pelo ensino de retórica. “A sofística, antes de ser uma doutrina, é um processo educacional e, antes de formar uma ciência pedagógica, é uma modalidade de educação integrada na formação moral e política” (PAVIANI, 2008, p. 48). Paviani aponta a contribuição dos sofistas para a educação na Grécia a partir de alguns pontos como a expansão das faixas etárias dos alunos, a profissionalização da prática docente, um início de uma educação superior, criadores da retórica e, por fim, trabalhavam questões existenciais e sociais com a finalidade de se alcançar a *aretê*.

Na Prática pedagógica

Nas práticas didáticas do PIBID estes elementos pedagógicos, de cada uma dessas perspectivas de ensino, se apresentam em determinados momentos. O que aqui quer ser explorado é a contribuição da técnica de cada uma das perspectivas.

A sofística com a retórica torna-se clara por si na atuação docente. A natureza do que é para ser apresentado, o contexto inserido e o público alvo, são alguns dos elementos levados em conta desde a estruturação de um plano de aula até na prática docente. A tragédia apresenta o elemento do exemplo, o lúdico para a sala de aula. É nela onde se verifica o



racional e o sensível. Permitindo ao professor uma atuação que não se detenha a uma explanação puramente abstrata, sendo assim, podendo ser mais efetivo a estudantes que tenham a dificuldade de abstrair.

Resultados alcançados

Conclui-se que os avanços trazidos pelos sofistas e pelos tragediógrafos são elementos pertinentes para uma boa prática docente. Dos sofistas, o avanço na retórica não pode ser negado nem mesmo por seus principais críticos e hoje ainda são elementares para a prática pedagógica. Das tragédias a materialização de conceitos e percepções permitem uma análise mais clara de teorias filosóficas, ou de outras naturezas.

A tragédia forma pela assunção do modelo e exemplo de algum tema. Relacionando com a educação disso temos a pretensão de assunção de habilidades para aprender a ver e perceber o mundo.

Referências

JAEGER, Werner. Paidéia: A formação do homem grego. 4º ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.

GIOMBINI, Stefania. Há algo novo na Helena de Górgias?. *Nuntius Antiquus*, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 27-45, jun. 2016. ISSN 1983-3636. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/10793>. Acesso em: 23 set. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/1983-3636.12.1.27-45>.

PAVIANI, Jayme. Platão & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.